

ROZANE TEIXEIRA DE OLIVEIRA

EM FOCO: PRÁTICAS EDUCATIVAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Rio de Janeiro

2004

ROZANE TEIXEIRA DE OLIVEIRA

EM FOCO: PRÁTICAS EDUCATIVAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Rio de Janeiro

2004

ROZANE TEIXEIRA DE OLIVEIRA

EM FOCO: PRÁTICAS EDUCATIVAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Monografia apresentada à Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do RJ/UNIRIO, como requisito para obtenção do grau de Pedagoga, orientada pela professora Carmen Sanches Sampaio

Rio de Janeiro

2004

ROZAMIR FERREIRA DE OLIVEIRA

EM FOCO: PRÁTICAS EDUCATIVAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Mestranda de Letras e Língua Portuguesa
na Universidade Federal do Rio de Janeiro
em 2004. Atualmente atua como professora
de Língua Portuguesa no Colégio Estadual
de São João do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro

2004

AGRADECIMENTOS

Quero expressar meus sinceros agradecimentos a todos os que de alguma forma colaboraram para a realização deste trabalho.

Em especial a Deus, por ter sido meu refúgio e minha fortaleza em todo tempo. //

À minha mãe, por muitas vezes ter-me dado força e me incentivado a nunca desistir. //

À professora Carmen Sanches Sampaio, pela orientação dada sem a qual não poderia ter finalizado com sucesso. //

Ao meu esposo, por ter sido compreensivo e me ajudado a concluir este trabalho. //

Ao meu irmão, que ajudou em toda organização desse trabalho. //



... o educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os "argumentos da autoridade" já não valem

PAULO FREIRE

RESUMO

O estudo teve como objetivo analisar de que forma as práticas pedagógicas podem interferir no processo de alfabetização. Para tal, foi realizada uma pesquisa com dados coletados a partir de entrevistas com alfabetizadoras que lecionam em escolas municipais de diferentes municípios (Rio de Janeiro e Nova Iguaçu); // também foram observadas algumas aulas dessas alfabetizadoras e analisados // trabalhos de alguns de seus alunos. Conclui-se que é fundamental que a alfabetizadora seja pesquisadora, buscando sempre partir da prática teorizar sobre // ela e voltar à prática visando a melhoria do processo ensino/aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: alfabetização-pesquisa – formação continuada



SUMÁRIO

	Pág
Introdução.....	07
CAPÍTULO I – Em foco: práticas alfabetizadoras.....	09
1.1 – Crianças que aprendem a ler e a escrever na escola.....	09
1.2 – Crianças que não aprendem a ler e a escrever na escola.....	18
CAPÍTULO II – Tecendo histórias e refletindo sobre o ensinar/aprender a ler e a escrever.....	21
2.1 – “Todos apresentam deficiência na leitura e escrita”	21
2.2 - “Os desafios que encontro para desenvolver minha prática...”.....	24
2.3 – “(...)Penso que para alfabetizar você tem que estar de bem com a vida (...)”.....	26
CAPÍTULO III – A formação da “professora – pesquisadora”- Por que não?.....	28
Considerações finais.....	31
BIBLIOGRAFIA.....	34

INTRODUÇÃO

A grande inquietação para escolha deste estudo tem origem na prática alfabetizadora realizada em escolas públicas de dois municípios diferentes, nos quais leciono. Em um deles, as turmas ^{de um modo geral} chegam às 3ª e 4ª séries lendo, escrevendo, produzindo textos coerentes e criativos. Já

no outro, os alunos chegam ao final dessas séries sem estarem alfabetizados. Vale lembrar que o conceito de estar alfabetizado vem se ampliando. A questão não é só saber ler ou escrever, mas também o que as pessoas são capazes de fazer no seu dia-a-dia com a leitura e a escrita . No

|| nosso país, um número significativo de pessoas são incapazes de fazer uso da leitura e da escrita || na vida social. O IBGE, desde 1990, passou a divulgar, também, índices de analfabetismo funcional, tendo como base o número de séries escolares (IBGE/2001). De acordo com este critério, são analfabetas funcionais as pessoas com menos de quatro anos de estudo (RIBEIRO. V. et ell, 2002).

A partir da minha própria experiência como professora e orientadora pedagógica questiono: por que algumas crianças aprendem, na escola, a ler e a escrever e outras não ? Por que as maiores taxas de repetência se situam nas primeiras séries do Ensino Fundamental ? As práticas alfabetizadoras fazem diferença nesse processo ?

|| O processo de educação escolar no Brasil tem sido um processo historicamente marcado pela exclusão das classes populares de seus direitos à educação. Desde o processo de colonização, o saber é mantido como privilégio de uma minoria. Sabemos que durante séculos seguidos- XVI, XVII, XVIII e parte do século XIX, a língua escrita tem sido monopólio de alguns, um direito à grande maioria da população. O tempo passou, chegamos ao século XXI e ainda estamos no nosso país, longe de uma educação mais democrática. O que se conseguiu com

Qualificação para que todos têm o mesmo direito?

a Conferência de 1979¹ foi um projeto propondo realizações de ações eficazes para que antes de 1999 a escolarização de todas as crianças fosse garantida; o analfabetismo fosse eliminado e a qualidade e eficiência dos sistemas educativos fosse ampliada e melhorada.

Quase três décadas após e ainda temos cerca de 16 milhões ou 13,3% da população analfabeta (Mapa do Analfabetismo, INEP, 2003).

Cabe indagar: as crianças, de fato, estão aprendendo a ler e a escrever, na escola? Os que aprendem, como utilizam a leitura e a escrita cotidianamente? Sabemos que as maiores taxas de repetência situam-se nas três primeiras séries do Ensino Fundamental (C.A, 1ª e 2ª séries). O mapa do analfabetismo (Inep/2003) também mostrou que o país continua a produzir analfabetos. Na faixa etária de 10 a 19 anos, 7,4% dos jovens não sabem ler e escrever, quando já deveriam estar na escola ou mesmo terminando os estudos (O GLOBO, 5/ 06/ 2003). Apesar da teoria produzida que hoje temos sobre a prática alfabetizadora, a escola continua a produzir, no seu interior, o fracasso escolar, principalmente, das crianças das classes populares, nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Meu desafio, neste texto monográfico, é refletir sobre algumas destas questões que me inquietam, pois atuo como orientadora pedagógica e professora alfabetizadora em escolas públicas em diferentes municípios do Rio de Janeiro. A prática pedagógica realizada nas escolas será a referência das discussões. A proposta é partir da prática, teorizar sobre ela e voltar à prática visando compreendê-la de uma forma mais complexa e menos comprometida com um ensinar e aprender referendado em uma concepção mecanicista de alfabetização. Entrevistas com professoras alfabetizadoras que atuam na classe de alfabetização, 4ª série e minha própria prática enquanto professora regente de uma turma de 4ª série do Ensino Fundamental são utilizadas. Na análise dessas entrevistas recorro a teóricos como Ana Luiza B. Smolka, Vygotsky, Regina Leite Garcia, Paulo Freire, Maria Teresa Esteban e outros que sustentam o meu estudo e que contribuíram para a compreensão de que a prática alfabetizadora pode e deve ser dialógica, discursiva, crítica e criativa.

¹ Conferência Regional de Ministros da Educação e de Ministros encarregados do Planejamento Econômico da América Latina e Caribe, no âmbito da UNESCO. Essa conferência realizou-se na Cidade do México e deu origem ao que se conhece por Projeto Principal de Educação para América Latina e Caribe

CAPÍTULO I

EM FOCO: PRÁTICAS ALFABETIZADORAS

1.1 - CRIANÇAS QUE APRENDEM A LER E A ESCREVER NA ESCOLA

Dezessete de fevereiro de 2003. Dia quente e que trazia muitas expectativas para mim. Tudo era novidade, afinal estava recém casada prestes a completar um mês em minha nova casa e , outro desafio: lecionar no município do Rio de Janeiro. Como seria a nova escola ? E a nova turma ? Sempre ouvi falar que os alunos das escolas do município do Rio de Janeiro eram muito indisciplinados e que pouco se interessavam em aprender. Realmente aquele dia preparou uma surpresa para mim. Me surpreendi, pois ganhei um enorme presente: a turma 401 Por que um presente? Segundo a professora que já acompanhava a turma há alguns anos, era uma excelente turma. A escola não nomeia ou separa as turmas como fortes ou fracas, mas a 401 realmente tinha um potencial muito bom que fui descobrindo aos poucos. Uma turma formada por trinta e quatro alunos entre 9 e 11 anos.

A E. M. Haydéa Vianna Fiuza de Castro fica no bairro de Paciência, zona oeste do município do Rio. O ponto de referência para chegar à escola é a “favela do aço”. Lá, os alunos são bem carentes. Vivem em grupos familiares organizados de modo diferente da família nuclear. Poucos têm pai. Muitos possuem pais cumprindo pena na penitenciária. Crianças cujas famílias são consideradas, pela própria escola, como “desestruturadas”. São crianças que convivem com muita violência. Com todas essas características o que poderíamos pensar ? O que muitos pensam e internalizam : essas crianças jamais vão aprender ! Lêdo engano.

Logo percebi que os meus alunos(as) sabiam ler muito bem. Todos escreviam de forma legível, com alguns erros ortográficos, é claro, porém com autonomia para interpretar os textos propostos. Durante as aulas, grande parte da turma participava sempre trazendo uma experiência

de vida, dando uma sugestão para a próxima aula ou até mesmo questionando sobre o que foi dito.

Foi chegando o mês de abril e começamos a trabalhar com a produção de livros para exposição na Oficina Lê Lê (oficina de leitura) do dia 18 de abril. Fiquei encantada com a facilidade dos alunos ao trabalharem em grupo. Cada grupo confeccionou o seu livro, criando sua própria história, capa, ilustração. Foi excelente !

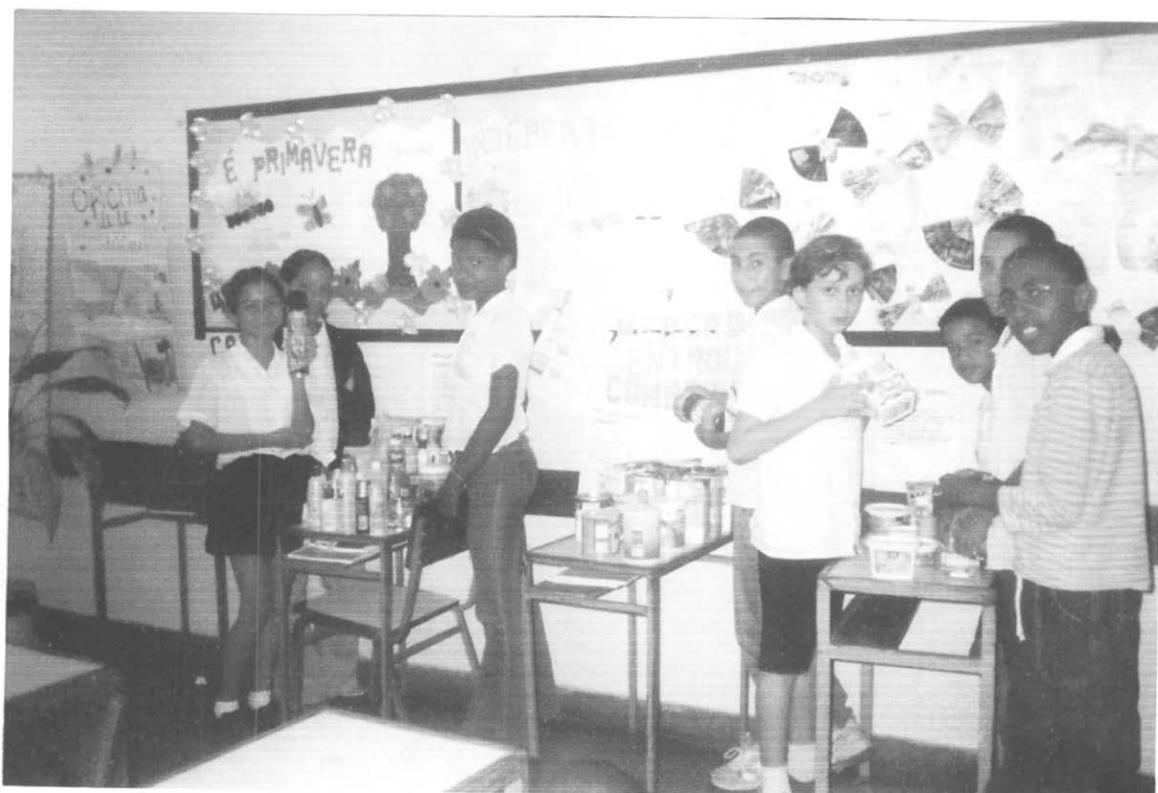
Em matemática, ao trabalhar sistema monetário montamos uma mercado em sala e os alunos foram trazendo idéias. Cada dia uma nova idéia ia surgindo. O nosso mercado tinha de tudo : encartes, produtos variados, funcionários, nome (Mercado: entrou, comprou !), tudo feito pelos alunos, até música para a inauguração do mercado foi feita:

Mercado : entrou, comprou
Tá na hora de comprar
Ajudando, ajudando
Pra você economizar

Trabalhamos cotidianamente em cima de toda essa construção. Um grupo da turma fazia as compras, o outro ficava no caixa registrando, dando o troco e empacotando as compras, até que toda a turma pudesse experienciar a relação de compra, troca, comparar preços e, posteriormente, utilizar o dinheiro no seu cotidiano. O mais importante de tudo é que eu via meus alunos amadurecendo e aprendendo cada vez mais. É claro que um momento como esse não poderia deixar de ser registrado. Então, fotografei !



(Alunos da 4ª série – turma 401 – Escola Municipal do RJ)



(Alunos da 4ª série – turma 401 – Escola Municipal do RJ)

Meu coração só faltava pular de tanta satisfação a cada dia de trabalho com a 401: alunos curiosos, dedicados e insaciáveis.

Chegou julho e fomos trabalhar a questão do idoso, já que no dia 26 comemora-se o dia da vovó. Preparamos uma entrevista. Que perguntas as crianças gostariam de fazer para as avós que estariam presentes neste dia na escola? Foi emocionante, pois rimos e choramos com as experiências trocadas.

Nesse tempo uma questão começou a me inquietar. Percebi que muitos pais eram analfabetos, por isso não liam para seus filhos e as crianças tinham pouco contato com livros, jornais, gibis ou qualquer forma de leitura em casa, embora se interessassem muito pelas mais variadas formas de leitura espalhadas pela sala de aula. Era só acabar as atividades que iam direto à mesa de leitura onde escolhiam com toda convicção um gibi, revista, livro, ficha de leitura ou jornal e sentavam a saborear como se não quisessem mais parar. Aquilo era fascinante, e eu cada vez mais apaixonada por eles.

Comecei a me questionar: essas crianças estavam nesta escola há quanto tempo? Cursaram o 1º ano do ciclo ou a classe de alfabetização na escola? Em casa, um número significativo das crianças não utilizava a leitura e a escrita cotidianamente. Me parecia que a experiência vivenciada na escola foi determinante para que se apropriassem e utilizassem a linguagem escrita crítica e criativamente. Essa hipótese levou-me a investigar o processo de alfabetização vivenciado por essas crianças.

Conversando com as professoras da escola e as próprias crianças fui tomando conhecimento de que: a maioria da turma estuda na escola desde os seis anos, desde a classe de alfabetização. A professora alfabetizadora dessa turma já não leciona mais na escola mas consegui saber que a turma foi alfabetizada sem cartilha. Todos os dias ouviam histórias e tinham contato com uma série de livros ilustrados, que eles manuseavam sempre que acabavam a

história. Uma professora que trabalhou com a turma dois anos consecutivos me informou que a alfabetização era feita sempre partindo do próprio nome da criança : chamadinha, aniversariantes, ajudante do dia, músicas, produção no blocão e em nenhum momento os alunos faziam exercícios para memorizar famílias (ba- be- bi- ...). Analisando a história da alfabetização desses alunos vê-se que as atividades desenvolvidas estimulavam a sensibilidade, a criatividade, a cooperação. Isso nos traz um pouco do Método Natural, que de acordo com o educador francês Celestin Freinet, a inteligência, o gesto vão se desenvolver através da experimentação, abolindo o uso de cartilhas, a criança aprenderá^o escrever, escrevendo. Todo o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita é realizado como processo de comunicação de idéias. A metodologia consiste no emprego de materiais específicos sob condições de estimulação do desenvolvimento de habilidades intelectuais e motoras essenciais à aprendizagem da leitura e da escrita visando-se à formação de um leitor inteligente.

Era muito legal. Eu me lembro que a tia dava pra gente uma figuras (tangran) pra gente montar o que quisesse. Eu consegui formar um pato ai tinha que contar uma história sobre aquela figura para os colegas, naquele dia todo mundo aprendeu a escrever pato por causa da minha história. Foi muito legal ! (informação verbal)².

O vivenciado por essa turma confirma o que nos diz SMOLKA:

As crianças aprendem a escrever escrevendo e, para isso, lançam mão de vários esquemas: perguntam, procuram, imitam, copiam, inventam, combinam... As crianças aprendem um modo de serem leitoras e escritoras porque experimentam a escrita nos seus contextos de utilização. (SMOLKA, 2001, p: 110)

Uma outra experiência compartilhada com as crianças foi a discussão realizada sobre o dia D/dia nacional ao combate à dengue. Sempre procurei trabalhar com meus alunos (as)

² Declaração de Henrique Dornellas – 11 anos. Aluno da turma 401, alfabetizado na escola.

diferentes tipos de textos para que eles pudessem experienciar diversas formas de leitura e a paródia foi uma forma muito dinâmica de levá-los a criar. A partir de uma conversa informal os alunos criaram letras e músicas incentivando toda a escola a ajudar no combate ao *aedes aegypti*. As músicas foram apresentadas para as turmas de 3ª série, incentivando a participação das crianças na conscientização do combate à dengue.

A dengue é assim perigosa pra mim

Eu quero que ela me deixe

Vou me prevenir tirando daqui

A água parada

Encarando esses desafios o aedes não poderá picar

Não deixe água em pneus, nem a caixa d'água sem tampar

É só brincar e comemorar a derrota do mosquito³.

Outra forma de levar a leitura para meus alunos foi trabalhando com a literatura. O contato com a literatura desde os primeiros anos de vida é essencial para despertar o interesse pela linguagem escrita. Crianças precisam de liberdade para se tornar leitores. E foi com a leitura de alguns clássicos infantis que propus a atividade de MODERNIZAÇÃO DE HISTÓRIAS. Foi um sucesso !!! O texto produzido pelo Henrique, aluno da 401, revela, um pouco, do trabalho realizado:

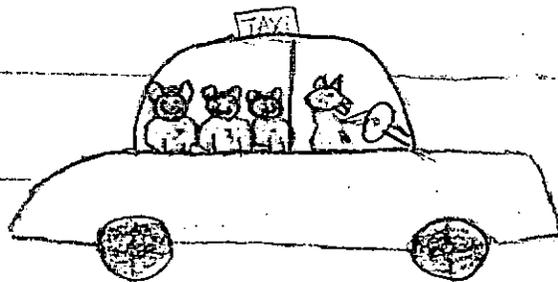
³ Paródia produzida pela turma 401 com base na música *Velha Infância* do grupo Os Tribalistas

OS TRÊS

PORQUINHOS

Os três porquinhos tinham da casa de sua mãe e foram assumir cada pra morar. Cada um pegou seus coisas e partiram com seu furquinhos, foram para a cidade grande. Um comprou uma moradia, o outro alugou um apartamentto e o outro está morando num hotel ☆☆☆☆☆

Eles foram visitar a sua mãe e foram de taxi, o motorista do taxi era um lobo e ele não queria. Eles foram, e quando chegaram, eles entraram na casa de sua mãe eles não sabiam que o lobo não tinha ido embora e o lobo subiu no chaminé e caiu no caldeirão de sopa e o lobo caiu batendo as botas e nunca mais apareceu.



A escola para esses alunos e alunas é um espaço vivo. Sempre tentei trabalhar a auto-estima deles, fazendo-os acreditar que são capazes, são sujeitos de conhecimento. O tempo todo trabalhamos produção de textos escritos, a oralidade, interpretação e tantos conhecimentos que surgiam dos temas, pensados por mim ou pelas próprias crianças.

Na favela só se ouvia *funk*, mas isso não me impedia de apresentá-los a outros gêneros musicais. Na comemoração do dia do estudante, cantamos e analisamos “Coração de estudante” de Milton Nascimento. A escola compreendia a importância de não ficarmos presas a toneladas de conteúdos previamente programados. Isso fez a diferença para os meus alunos e alunas, pois trabalhamos conceitos realmente essenciais para suas vidas: analisar criticamente um texto, ter conhecimento de seus direitos e deveres enquanto cidadãos que são.

O desenvolvimento deste trabalho é sempre norteado pelas discussões realizadas nos Centros de Estudos que aconteciam quinzenalmente. O planejamento era subsidiado por uma pedagogia de projetos. Tentávamos refletir sobre os dados da realidade e direcionar nossas ações pedagógicas tendo como base a teoria, sabíamos que as propostas precisam se articular às questões do cotidiano das crianças, dentro e fora da escola. Nem sempre conseguimos. Mas, tentávamos !

Cheguei ao final do ano com dois sentimentos misturados: alegria e tristeza. Alegria, porque estão se despedindo da escola crianças cidadãs críticas. Tristeza, porque fico com uma sensação de vazio mesmo sabendo que faço parte dessa construção.



A última apresentação da turma na escola foi no coral natalino.
A firmeza nas expressões e na voz revelavam: não vamos parar por aqui !!!

Confesso que aprendi muito com eles, confirmando o que nos diz Paulo Freire (1996),
que todo professor ao ensinar, aprende.

1.2 - CRIANÇAS QUE NÃO APRENDEM A LER E A ESCREVER NA ESCOLA

No município de Nova Iguaçu atuo como orientadora pedagógica há dois anos. As crianças dessa escola também são de classe popular. Suas famílias também fogem ao padrão da família nuclear. A violência também é questão relevante. Mas os alunos e alunas não aprendem como deveriam, seja na 1ª etapa do ciclo ou na 4ª série. Por quê?

Este é o primeiro ano em que o município inclui no calendário escolar dias próprios para a formação continuada das professoras- reuniões pedagógicas onde as professoras podem trocar idéias, estudar, repensar sua prática e buscar soluções para questões do dia-a-dia da sala de aula. O município trabalha com o regime de progressão continuada somente até a 3ª etapa, seguindo-se com a 3ª e 4ª séries. Muitos alunos chegam à 4ª série sem saber ler e escrever.

Numa conversa com uma professora da 1ª etapa, uma frase dita por ela me incomodou : *Esse aluno não tem mais jeito, não aprende nada, esse eu já larguei de mão.* Por que a professora faz essa afirmação ? Ela diz: (...) **esse eu já larguei de mão.** Será, que de fato, ela **já largou de mão** o aluno porque não acredita que ele seja capaz de aprender ? Ou, **largou de mão** porque não sabe como trabalhar com o aluno ?

A professora faz o que acha que está certo fazer. Ela escreve no quadro e pede que os alunos copiem, pede para os alunos repetirem as sílabas apontadas no quadro e os alunos repetem, mesmo que não saibam o que estão fazendo, porém se algum aluno fugir a regra, ao que é esperado, talvez esse que “não acompanha” a turma, ponha em risco a forma de ensinar dessa professora. Uma forma, como nos alerta SMOLKA(2001), linear, unilateral, estática porque, muitas vezes, por não saber ensinar de outro jeito a professora se coloca numa posição de disfarce e se apodera do conhecimento ao invés de se apropriar dele. O aprendizado, considerado como

algo que deve ser “transmitido” termina circunscrito ao ambiente escolar, descartando os saberes que os alunos(as) possuem.

Muitas professoras aprenderam nos seus cursos, seja no Ensino Médio ou Superior, que os(as) alunos(as) são iguais e que a sala de aula é um espaço de semelhanças onde avalia-se para homogeneizar. O que é diferente, assusta. É mais fácil, talvez por falta de preparo, deixar de lado ou *largar de mão* como diz a professora.

Penso que a forma como uma criança é ensinada faz a diferença no seu desenvolvimento escolar. Talvez essa minha hipótese nos ajude a compreender porque turmas da mesma série com crianças da mesma idade, porém de escolas de municípios diferentes e com // histórias de vida, também diferentes, se relacionem de modo bastante diferenciado com o conhecimento.

Como cada professora realiza a prática pedagógica; a maneira como cria recursos ou utiliza os existentes, as metodologias e estratégias que escolhe; a forma como organiza o tempo e o espaço da sala de aula, o modo como os trabalhos são expostos nos murais e a organização da sala nos dizem muito sobre como compreende o processo ensino-aprendizagem. Funcionam, também, como indicadores: a relação do(a) professor(a) com seus alunos e alunas e os pressupostos teóricos que norteiam a ação pedagógica.

A concepção que norteia a prática alfabetizadora da escola, do Município de Nova Iguaçu, ainda é uma concepção mecanicista. As professoras têm como referência o método sintético de alfabetização, que parte dos elementos menores que a palavra. O aluno aprende, primeiramente, o nome das letras e suas formas maiúsculas e minúsculas, na seqüência alfabética. As letras são apresentadas em sílabas (ba; be; bi; ...). Dando-se muita ênfase à caligrafia das letras. A aprendizagem tem como base a repetição e a memorização. Esse processo não investe na compreensão, além de não estimular o prazer pela leitura e pela escrita, pois é necessário escrever

e ler para memorizar as famílias silábicas e formar novas palavras e não para registrar idéias, sentimentos e experiências.

CAPÍTULO II

TECENDO HISTÓRIAS E REFLETINDO SOBRE O ENSINAR/APRENDER A LER E A ESCREVER

2.1 – “ TODOS APRESENTAM DEFICIÊNCIA NA LEITURA E ESCRITA”

Minha turma possui alunos com idade entre 9-13 anos (4ª série). Todos apresentam deficiência na leitura e escrita. A leitura para eles é como se fosse um castigo, fazem sempre frases curtas e apresentam enorme dificuldade para interpretar ainda que pequeno seja o texto. É o meu primeiro ano com a turma. Confesso que fiquei chocada ao deparar-me com tal apatia à leitura. Sempre tentei estimulá-los, trazendo gibis, livros, jornais, revistas, mas não obtive grandes resultados. Agora que o ano letivo chega ao fim o que consegui, foi alguns escreverem textos curtos. Já é alguma coisa ! Como a situação deles me incomodava procurei saber como foi o processo de alfabetização dessas crianças. Infelizmente são fruto de uma alfabetização por método silábico onde não foi explorado nas séries anteriores atividades que desenvolvesse a oralidade, a interpretação e o próprio gosto pela leitura (informação verbal)⁴.

Indignação, angústia e vários outros sentimentos estão presentes na fala dessa professora. Receber uma turma de 4ª série com alunos que praticamente terão que ser alfabetizados não é uma tarefa das mais fáceis. Como essa, muitas escolas continuam alfabetizando seus alunos e alunas acreditando que copiar, repetir e memorizar letras e/ou sílabas é suficiente para aprender a ler e a escrever. É urgente a indagação: que leitor e escritor desejamos formar? O que interpreta o que lê, critica, interage com o texto ou, simplesmente, leitores e escritores que repetem a palavra do outro e decodificam o que lêem ?

Lemos e escrevemos para: lembrar, identificar, localizar, armazenar dados, comunicar ou nos inteirar do que acontece no mundo, desfrutar, compartilhar sentimentos e emoções, desenvolver a sensibilidade artística, participar de fantasias e sonhos, estudar, aprender, conhecer,

⁴ Declaração de Professora da 4ª série. Escola do Município de Nova Iguaçu.

aprofundar conhecimentos etc. Porém, a professora, muitas vezes, utiliza-se dessas atividades criando uma distância entre a escola e a vida: ler para ser aprovado e para usar a leitura e a escrita nas atividades escolares.

A referência da prática alfabetizadora deveria ser as experiências das crianças e professoras. Os textos precisam interessar aos alunos e alunas. Quando a leitura e a escrita são trabalhadas com as crianças sem finalidade e desarticuladas de situações reais e concretas acontece, com frequência, o que aconteceu com a turma citada acima: as crianças não se interessam por ler e escrever o que “precisam” ler e escrever na escola e chegam à 4ª série vendo a leitura e a escrita como “um castigo”, como ressaltou a professora.

Fernando, aluno desta turma, ao produzir um texto cuja temática girava em torno de pessoas queridas destaca algumas pessoas de sua família, como Suane e Suelen, suas irmãs e Sérgio, o tio querido, já falecido.

Suane e Suelen
 e Sérgio o gato de Suane
 Sérgio o gato de Suane

Suane e Suelen
 e Sérgio o gato de Suane
 Sérgio o gato de Suane

Selma é bonita

Suelen é minha irmã

Sérgio eu gosto de você

Suane eu gosto muito de você

Flor bonita e brilhosa

Árvore brilhosa

O aluno utiliza um modo de escrever que reflete o modelo de texto que teve acesso na escola. O leitor tem dificuldades em ler o que escreveu. Sua escrita, ainda, apresenta aglutinações, repetições, omissões. Um modo de escrever bastante comum entre os que estão se apropriando da leitura e da escrita. Esta criança, na 4ª série, já podia ter seus conhecimentos a respeito da linguagem escrita ampliados. Mas, como a professora da 4ª série por ter aprendido nos seus cursos de formação- inicial e continuada- que a alfabetização é responsabilidade das professoras das séries iniciais ou dos primeiros anos do ciclo, não compreende que precisa ensinar os seus alunos e alunas a ler e a escrever com mais competência, embora estejam na 4ª série. Talvez, não saiba como fazer e considera *alguma coisa* o fato dos seus alunos e alunas, ao final do ano letivo, escreverem *textos curtos*, como Fernando. Não é a toa que temos, a cada dia, um número maior de pessoas que no seu cotidiano não conseguem praticar atos de leitura e escrita, embora não sejam analfabetos.

A teoria produzida na área da alfabetização e várias experiências já realizadas podiam contribuir para a transformação dessa realidade. Mas, até que ponto a escola, no seu cotidiano, tem sido um espaço privilegiado para a formação das professoras ?

2.2-“ OS DESAFIOS QUE ENCONTRO PARA DESENVOLVER MINHA PRÁTICA...”

O sucesso dos meus alunos se dá a partir de aulas bem planejadas, equipe pedagógica capaz e atuante e a família participativa. Já o insucesso, é devido ao grande número de faltas, pouca maturidade dos alunos e necessidade de um apoio especializado para alunos com dificuldade de aprendizagem e problemas psicológicos. Os desafios que encontro para desenvolver minha prática são a falta de recursos e a falta de tempo. Alfabetizo meus alunos através de músicas e trabalhos diversificados (informação verbal)⁵.

Embora, em seu relato, a professora afirme que alfabetiza seus alunos e alunas através de músicas e trabalhos diversificados, ao observar uma aula dessa turma pude perceber o quanto sua prática ainda está distante do que fala. A turma é formada por 29 alunos. Em um dos dias que entrei em sua sala, o tema trabalhado era a questão da dengue. Os alunos receberam metade de uma folha para desenhar em que locais o mosquito da dengue gostava de ficar. Percebi que duas crianças permaneciam paradas, enquanto as outras trabalhavam. Perguntei à professora o porquê de tal atitude e a resposta foi: *esses dois aí nunca fazem nada mesmo, ficam à toa praticamente todos os dias. Só dizem que não sabem, mas nem tentam copiar.*

Onde está o trabalho diversificado que a professora diz utilizar no dia-a-dia da sala de aula?

Sugeri que as crianças não fossem esquecidas e, mais uma vez, a resposta me deixou preocupada: *Isso dá muito trabalho e já estamos no fim do ano, não vão mais aprender.*

Pensar no trabalho dessa professora me faz lembrar do discutido por Smolka (2001) quando indaga: O que é ensinar? Como ensinar? Por onde começar? Nesse processo é relevante garantir espaços para a criança falar e se relacionar com os colegas e a professora, em sala de aula. Deixar a criança de lado revela a descrença da professora em sua capacidade para aprender.

⁵ Declaração de Professora alfabetizadora . Escola do município de Nova Iguaçu

Revela como avalia essas crianças: *não vão mais aprender*. Me indago: como fazer para ajudar, enquanto orientadora pedagógica, essa professora ? Muitas vezes, não sei ainda como fazer !

Na sala de aula, a professora deve conhecer não só a sua turma, no geral mas, principalmente, cada aluno, se desafiando a compreender o processo experienciado pelo(a) aluno(a). A professora ao se negar a trabalhar com as diferenças inviabiliza os conhecimentos dos seus alunos e alunas ao trabalhar apenas com os que “já sabem”. Termina por ignorar que a sala de aula seja um espaço de escuta, de diálogo e de respeito pela forma que cada um tem de aprender, de pensar e de ver o mundo.

1.2 - CRIANÇAS QUE NÃO APRENDEM A LER E A ESCREVER NA ESCOLA

No município de Nova Iguaçu atuo como orientadora pedagógica há dois anos. As crianças dessa escola também são de classe popular. Suas famílias também fogem ao padrão da família nuclear. A violência também é questão relevante. Mas os alunos e alunas não aprendem como deveriam, seja na 1ª etapa do ciclo ou na 4ª série. Por quê ?

Este é o primeiro ano em que o município incluiu no calendário escolar dias próprios para a formação continuada das professoras- reuniões pedagógicas onde as professoras podem trocar idéias, estudar, repensar sua prática e buscar soluções para questões do dia-a-dia da sala de aula. O município trabalha com o regime de progressão continuada somente até a 3ª etapa, seguindo-se com a 3ª e 4ª séries. Muitos alunos chegam à 4ª série sem saber ler e escrever.

Numa conversa com uma professora da 1ª etapa, uma frase dita por ela me incomodou : *Esse aluno não tem mais jeito, não aprende nada, esse eu já larguei de mão.* Por que a professora faz essa afirmação ? Ela diz: (...) **esse eu já larguei de mão.** Será, que de fato, ela **já largou de mão** o aluno porque não acredita que ele seja capaz de aprender ? Ou, **largou de mão** porque não sabe como trabalhar com o aluno ?

A professora faz o que acha que está certo fazer. Ela escreve no quadro e pede que os alunos copiem, pede para os alunos repetirem as sílabas apontadas no quadro e os alunos repetem, mesmo que não saibam o que estão fazendo, porém se algum aluno fugir a regra, ao que é esperado, talvez esse que “não acompanha” a turma, ponha em risco a forma de ensinar dessa professora. Uma forma, como nos alerta SMOLKA(2001), linear, unilateral, estática porque, muitas vezes, por não saber ensinar de outro jeito a professora se coloca numa posição de disfarce e se apodera do conhecimento ao invés de se apropriar dele. O aprendizado, considerado como

algo que deve ser “transmitido” termina circunscrito ao ambiente escolar, descartando os saberes que os alunos(as) possuem.

Muitas professoras aprenderam nos seus cursos, seja no Ensino Médio ou Superior, que os(as) alunos(as) são iguais e que a sala de aula é um espaço de semelhanças onde avalia-se para homogeneizar. O que é diferente, assusta. É mais fácil, talvez por falta de preparo, deixar de lado ou *largar de mão* como diz a professora.

Penso que a forma como uma criança é ensinada faz a diferença no seu desenvolvimento escolar. Talvez essa minha hipótese nos ajude a compreender porque turmas da mesma série com crianças da mesma idade, porém de escolas de municípios diferentes e com // histórias de vida, também diferentes, se relacionem de modo bastante diferenciado com o conhecimento.

Como cada professora realiza a prática pedagógica; a maneira como cria recursos ou utiliza os existentes, as metodologias e estratégias que escolhe; a forma como organiza o tempo e o espaço da sala de aula, o modo como os trabalhos são expostos nos murais e a organização da sala nos dizem muito sobre como compreende o processo ensino-aprendizagem. Funcionam, também, como indicadores: a relação do(a) professor(a) com seus alunos e alunas e os pressupostos teóricos que norteiam a ação pedagógica.

A concepção que norteia a prática alfabetizadora da escola, do Município de Nova Iguaçu, ainda é uma concepção mecanicista. As professoras têm como referência o método sintético de alfabetização, que parte dos elementos menores que a palavra. O aluno aprende, primeiramente, o nome das letras e suas formas maiúsculas e minúsculas, na seqüência alfabética. As letras são apresentadas em sílabas (ba; be; bi; ...). Dando-se muita ênfase à caligrafia das letras. A aprendizagem tem como base a repetição e a memorização. Esse processo não investe na compreensão, além de não estimular o prazer pela leitura e pela escrita, pois é necessário escrever

e ler para memorizar as famílias silábicas e formar novas palavras e não para registrar idéias, sentimentos e experiências.

CAPÍTULO II

TECENDO HISTÓRIAS E REFLETINDO SOBRE O ENSINAR/APRENDER A LER E A ESCREVER

2.1 – “ TODOS APRESENTAM DEFICIÊNCIA NA LEITURA E ESCRITA”

*Minha turma possui alunos com idade entre 9-13 anos (4ª série). Todos apresentam deficiência na leitura e escrita. A leitura para eles é como se fosse um castigo, fazem sempre frases curtas e apresentam enorme dificuldade para interpretar ainda que pequeno seja o texto. É o meu primeiro ano com a turma. Confesso que fiquei chocada ao deparar-me com tal apatia à leitura. Sempre tentei estimulá-los, trazendo gibis, livros, jornais, revistas, mas não obtive grandes resultados. Agora que o ano letivo chega ao fim o que consegui, foi alguns escreverem textos curtos. Já é alguma coisa !
Como a situação deles me incomodava procurei saber como foi o processo de alfabetização dessas crianças. Infelizmente são fruto de uma alfabetização por método silábico onde não foi explorado nas séries anteriores atividades que desenvolvesse a oralidade, a interpretação e o próprio gosto pela leitura(informação verbal)⁴.*

Indignação, angústia e vários outros sentimentos estão presentes na fala dessa professora. Receber uma turma de 4ª série com alunos que praticamente terão que ser alfabetizados não é uma tarefa das mais fáceis. Como essa, muitas escolas continuam alfabetizando seus alunos e alunas acreditando que copiar, repetir e memorizar letras e/ou sílabas é suficiente para aprender a ler e a escrever. É urgente a indagação: que leitor e escritor desejamos formar? O que interpreta o que lê, critica, interage com o texto ou, simplesmente, leitores e escritores que repetem a palavra do outro e decodificam o que lêem ?

Lemos e escrevemos para lembrar, identificar, localizar, armazenar dados, comunicar ou nos inteirar do que acontece no mundo, desfrutar, compartilhar sentimentos e emoções, desenvolver a sensibilidade artística, participar de fantasias e sonhos, estudar, aprender, conhecer,

⁴ Declaração de Professora da 4ª série. Escola do Município de Nova Iguaçu.

aprofundar conhecimentos etc. Porém, a professora, muitas vezes, utiliza-se dessas atividades criando uma distância entre a escola e a vida, ler para ser aprovado e para usar a leitura e a escrita nas atividades escolares.

A referência da prática alfabetizadora deveria ser as experiências das crianças e professoras. Os textos precisam interessar aos alunos e alunas. Quando a leitura e a escrita são trabalhadas com as crianças sem finalidade e desarticuladas de situações reais e concretas acontece, com frequência, o que aconteceu com a turma citada acima: as crianças não se interessam por ler e escrever o que "precisam" ler e escrever na escola e chegam à 4ª série vendo a leitura e a escrita como "um castigo", como ressaltou a professora.

Fernando, aluno desta turma, ao produzir um texto cuja temática girava em torno de pessoas queridas destaca algumas pessoas de sua família, como Suane e Suelen, suas irmãs e Sérgio, o tio querido, já falecido.

Suelen e Suelen
 e Sérgio e a mãe do meu
 Sérgio o gato de Sérgio

plano e gato muito de Sérgio
 Sérgio e Suelen e Sérgio
 Sérgio e Sérgio

Selma é bonita

Suelen é minha irmã

Sérgio eu gosto de você

Suane eu gosto muito de você

Flor bonita e brilhosa

Árvore brilhosa

O aluno utiliza um modo de escrever que reflete o modelo de texto^a que teve acesso na // escola. O leitor tem dificuldades em ler o que escreveu. Sua escrita, ainda, apresenta aglutinações, repetições, omissões. Um modo de escrever bastante comum entre os que estão se apropriando da leitura e da escrita. Esta criança, na 4ª série, já podia ter seus conhecimentos a respeito da linguagem escrita ampliados. Mas, como a professora da 4ª série, por ter aprendido // nos seus cursos de formação- inicial e continuada- que a alfabetização é responsabilidade das professoras das séries iniciais ou dos primeiros anos do ciclo, não compreende que precisa ensinar os seus alunos e alunas a ler e a escrever com mais competência, embora estejam na 4ª série. Talvez, não saiba como fazer e considera *alguma coisa* o fato dos seus alunos e alunas, ao final do ano letivo, escreverem *textos curtos*, como Fernando. Não é a toa que temos, a cada dia, um número maior de pessoas que no seu cotidiano não conseguem praticar atos de leitura e escrita, embora não sejam analfabetos.

A teoria produzida na área da alfabetização e várias experiências já realizadas podiam contribuir para a transformação dessa realidade. Mas, até que ponto a escola, no seu cotidiano, tem sido um espaço privilegiado para a formação das professoras ?

2.2-“ OS DESAFIOS QUE ENCONTRO PARA DESENVOLVER MINHA PRÁTICA...”

O sucesso dos meus alunos se dá a partir de aulas bem planejadas, equipe pedagógica capaz e atuante e a família participativa. Já o insucesso, é devido ao grande número de faltas, pouca maturidade dos alunos e necessidade de um apoio especializado para alunos com dificuldade de aprendizagem e problemas psicológicos. Os desafios que encontro para desenvolver minha prática são a falta de recursos e a falta de tempo. Alfabetizo meus alunos através de músicas e trabalhos diversificados (informação verbal)⁵.

Embora, em seu relato, a professora afirme que alfabetiza seus alunos e alunas através de músicas e trabalhos diversificados, ao observar uma aula dessa turma pude perceber o quanto sua prática ainda está distante do que fala. A turma é formada por 29 alunos. Em um dos dias que entrei em sua sala, o tema trabalhado era a questão da dengue. Os alunos receberam metade de uma folha para desenhar em que locais o mosquito da dengue gostava de ficar. Percebi que duas crianças permaneciam paradas, enquanto as outras trabalhavam. Perguntei à professora o porquê de tal atitude e a resposta foi: *esses dois ai nunca fazem nada mesmo, ficam à toa praticamente todos os dias. Só dizem que não sabem, mas nem tentam copiar.*

Onde está o trabalho diversificado que a professora diz utilizar no dia-a-dia da sala de aula?

Sugeri que as crianças não fossem esquecidas e, mais uma vez, a resposta me deixou preocupada: *Isso dá muito trabalho e já estamos no fim do ano, não vão mais aprender.*

Pensar no trabalho dessa professora me faz lembrar do discutido por Smolka (2001) quando indaga: O que é ensinar? Como ensinar? Por onde começar? Nesse processo é relevante garantir espaços para a criança falar e se relacionar com os colegas e a professora, em sala de aula. Deixar a criança de lado revela a descrença da professora em sua capacidade para aprender.

⁵ Declaração de Professora alfabetizadora . Escola do município de Nova Iguaçu

Revela como avalia essas crianças: *não vão mais aprender*. Me indago: como fazer para ajudar, enquanto orientadora pedagógica, essa professora ? Muitas vezes, não sei ainda como fazer !

Na sala de aula, a professora deve conhecer não só a sua turma, no geral mas, principalmente, cada aluno, se desafiando a compreender o processo experienciado pelo(a) aluno(a). A professora, ao se negar a trabalhar com as diferenças, inviabiliza os conhecimentos dos seus alunos e alunas ao trabalhar apenas com os que “já sabem”. Termina por ignorar que a sala de aula seja um espaço de escuta, de diálogo e de respeito pela forma que cada um tem de aprender, de pensar e de ver o mundo.

2.3- “PENSO QUE PARA ALFABETIZAR VOCÊ TEM QUE ESTÁ DE BEM COM A VIDA”

O sucesso dos meus alunos está diretamente ligado à relação entre o conteúdo curricular e a realidade dos alunos; à realização de atividades em grupo, que aproxima os alunos e diminui a defasagem de aprendizagem. O insucesso está atrelado a grande quantidade de alunos na sala de aula e ao pouco interesse dos responsáveis em ajudar seus filhos na aprendizagem. Sou alfabetizadora há algum tempo e não consigo pensar minha prática longe do lúdico como: jogos, dinâmicas, cantigas de roda etc; atividades criativas tais como: criação de texto coletivo, lista de palavras, enigmas, palavras cruzadas; atividades de leitura através de livros infantis, gibis, revistas, jornais, rótulos de embalagens etc. Num determinado momento da minha vida tive depressão então pedi que me colocasse em outra turma que não fosse alfabetização, não queria colocar em risco a base da formação daquelas crianças. Penso que para alfabetizar você tem que está de bem com a vida sempre, afinal é a descoberta, o momento é aquele, e as crianças dependem de você(Declaração verbal)⁶.

Esta professora enfatiza, no dia-a-dia da sala de aula, atividades realizadas em grupo, onde uma criança ajuda a outra e, posteriormente, a criança poderá fazer sozinha o que, a princípio, faz com o auxílio do amigo. Talvez essa professora não tenha lido Vygotsky, mas está colocando em prática o que este autor denomina de Zona de Desenvolvimento Proximal. Penso que o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal é rico de significado na construção do conhecimento. Segundo Vygotsky, a Zona de Desenvolvimento Proximal é o caminho que é percorrido pelo aluno, no processo de aprendizado, para desenvolver a si mesmo como sujeito ativo e autônomo.(Vygotsky, 1988).

Diferente da turma do Fernando, aluno da 4ª série, os alunos e alunas desta outra turma, trabalhando em grupo, ampliam seus conhecimentos sobre a leitura e a escrita, pois têm garantido, no cotidiano da sala de aula, espaços para trocar idéias, ter dúvidas, ajudar e ser ajudado, rever formas de escrever etc. A professora não é a única informante. Os alunos e alunas aprendem com

⁶ Declaração de Professora alfabetizadora . Escola do município do Rio de Janeiro

os colegas e com a professora. E a professora, ainda sem saber, investe nos conhecimentos prospectivos, nos *ainda não saberes* (ESTEBAN, 2002) das crianças.

CAPÍTULO III

A FORMAÇÃO DA PROFESSORA-PESQUISADORA: PORQUE NÃO ?

Na busca de respostas e soluções para os problemas cotidianos, a professora realiza suas escolhas na própria prática, no dia-a-dia da sala de aula. Ao recorrer à leitura e à informação para buscar sustentação teórica, ampliam-se as possibilidades de articular cotidianamente a prática e a teoria, nos espaços e tempos dos Centros de Estudos, com suas companheiras de trabalho. Nesse processo, avalia a sua prática na medida em que vai ampliando e aprofundando o seu conhecimento, construído no movimento prática-teoria-prática.

Teóricos da educação afirmam que é da competência da professora realizar a ponte entre o conhecimento do(a) aluno(a) e o conhecimento sistematizado e organizado pela sociedade. Caberia ao educador ser o que chamam de mediador, facilitador do aprendizado, preparando o estudante para enfrentar não mais o futuro mas, sim, o presente, desenvolvendo projetos a partir de suas experiências acumuladas.

No Brasil e no mundo, cresce a certeza de que a Educação não é, de fato, capaz de solucionar sozinha todos os problemas. Mas, ao mesmo tempo, percebe-se que a educação é um requisito indispensável para mudanças estruturais das sociedades, em todos os aspectos. Coincidência ou não, nunca os cursos de Pedagogia do país foram tão procurados. E nunca também foram tão criticados.

Nos últimos sete anos, a Universidade Federal Fluminense registrou aumento de 67,5% no número de candidatos inscritos no curso de Pedagogia. Na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, houve, no mesmo período, acréscimo de 85%. E a Universidade Federal do Rio de

Janeiro contabilizou procura maior ainda: a taxa cresceu 91%. (REVISTA NÓS DA ESCOLA, ano 2002).

Ser professor no século XXI, portanto, é muito mais do que ser um transmissor do conhecimento. Ao superar o antigo conceito de que o professor “tudo sabe” e é o “dono” dos saberes que “faltam” aos alunos, a relação entre educadores e estudantes passa a ser, mais do que nunca, preponderante na constituição dos conhecimentos.

Muito se tem questionado sobre a “*professora-pesquisadora*” (GARCIA, 2001).

A visão que se tinha ou se tem ainda da professora da escola básica é a de mera consumidora do conhecimento produzido pelos pesquisadores acadêmicos. Ora, se a professora quer mudança no interior da escola, quer garantir a seu aluno a condição de produtor de conhecimento é necessário que dela parta o primeiro passo: pesquisar. Pesquisar partindo de sua própria prática, essa é a questão principal. O que tem dificultado essa visão é que muitas professoras e professores vivenciaram ao longo do seu processo de escolarização a imposição de modelos, na mera transmissão de conhecimento. Como o novo assusta, muitos temem em ousar, sem ao menos questionar esse modelo educacional.

É complicado entender porque *professora-pesquisadora*, pois a visão dominante em muitos cursos de formação de professores, tanto no ensino médio, quanto na universidade é devido a cisão criada entre teoria e prática, entre pensar e fazer. Essa visão nos leva a ilusão de que o docente se utiliza da aplicação imediata de metodologias.

A *professora-pesquisadora* é aquela professora que questiona, investiga, repensa a sua própria prática. A professora precisa organizar sua ação a partir do movimento prática-teoria-prática. Sempre tendo a prática como ponto de partida pois, como nos diz Paulo Freire (1996) *a prática é o critério da verdade*. O ponto central de todo esse processo de formação está no questionamento. É da prática que vem o questionamento, sempre mediado pela teoria. A

professora enquanto pesquisadora é também reflexiva, pois está atenta às mudanças que ocorrem no processo ensino-aprendizagem. Se estou com minha aula planejada, mas surge um assunto que é de interesse de muitos na minha sala de aula, posso transformar o novo acontecimento em situação de pesquisa/aprendizagem para os meus alunos e alunas. Enquanto pesquisadora, a professora está sempre relendo, avaliando e questionando sua prática de modo a rever e discutir melhor a pesquisa/aprendizagem.

A professora vai se tornando uma professora-pesquisadora de sua própria prática, processo no qual vai produzindo novas teorias sobre o complexo processo de ensinar e aprender. A teoria se atualiza, enriquecendo-se com as explicações que emergem da pesquisa da prática. A prática se transforma com a incorporação das novas teorizações resultantes da pesquisa..(GARCIA, 2001, p: 25)

|| É importante enfatizar que, no processo, o coletivo deve prevalecer, pois é através do coletivo que a troca de experiências, a recriação de idéias e o crescimento individual se constrói a partir da interação/interlocução com o(s) outro(s).

A professora precisa mais do que nunca ser pesquisadora, e quando se fala pesquisadora, a prática é o ponto de partida para o questionamento. Quando se parte da prática e volta-se a ela (prática) o que se encontra é uma prática diferente da inicial, pois há uma mudança, uma prática com mais qualidade, ^{ou qual} onde o movimento de ação-reflexão-ação nos permite transformações formidáveis. Para isso é necessário valorizar o coletivo. Quando se pensa no coletivo estimula-se o olhar para o crítico, para a realidade. Afinal, a professora sabe e constata em sua prática que ele divide diariamente com a mídia e outros interlocutores, a constituição desses mesmos conhecimentos, conceitos e valores. A escola, não é o único espaço de formação e informação. Muito mais do que conteúdos, os alunos devem aprender com os professores a buscar, selecionar, analisar e compreender as informações para a construção de novos conhecimentos e formas de estar e interferir no mundo no qual vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É difícil identificar os significados da expressão prática pedagógica, tão habitual às professoras e presença constante nos tempos e espaços escolares. Entendo por prática pedagógica o conjunto de atos, de reflexões, de procedimentos intencionalmente educativos, que se formalizam em sala de aula, com objetivo de favorecer a apropriação e construção de conhecimentos, de conceitos e de valores sob a intermediação da professora e com a possibilidade de extrapolar os muros da escola.

Muitas professoras hoje em dia, identificam a violência como um dos principais desafios à prática educativa. Tema que, na verdade, sempre fez parte das reflexões de quem trabalha com crianças, jovens e adultos na escola. O que talvez torne essa questão mais complexa hoje do que ontem seja a velocidade com que surgem, se manifestam e se transformam.

A violência presente no cotidiano escolar porque presente na sociedade, assim como outras questões que surgem em sala de aula, muitas vezes, demandam tempo e empenho na busca de caminhos e soluções. Caminhos que sugerem, necessariamente, que seja repensada concepções e práticas pedagógicas, as quais devem ter como objetivos a humanização dos indivíduos, a constituição de cidadãos éticos, políticos, críticos, participativos, criativos e que acolham as diferenças. Para isso é preciso trabalhar a consciência crítica.

A educação compreendida e praticada dessa forma contribui para que alguns problemas que surgem no dia-a-dia da escola e que são vistos como entraves ao êxito, como os já citados atos de violência e, também a relação nem sempre próxima entre família e escola, além do número excessivo de alunos(as) na sala de aula, são, no mínimo atenuados. Seja pela construção de um currículo participativo com a comunidade, pelo respeito ^{do} saber e ^{do} ritmo de cada estudante, pelo diálogo ou simplesmente pelo estabelecimento de direitos e deveres. Trata-se,

portanto, de nova tomada de decisões. Decisões que, conseqüentemente, implicarão em práticas pedagógicas comprometidas com a inclusão, mais democrática, um processo de construção de conhecimentos e valores em uma escola que pode se organizar e estruturar de outra forma.

|| O avanço científico e tecnológico, de um modo igual, responde aos interesses da globalização e não aos da população. Avanços esses que fazem milhares de homens e mulheres perderem seus empregos, sendo muito mais uma questão ética e política do que tecnológica. A professora deve estar atenta para o pensar politicamente e, assim, contribuir para a formação dos alunos e alunas, ensinando que podemos desmascarar a ideologia dominante ao invés de reproduzi-la, já que a educação é uma forma de intervenção no mundo. A professora faz a diferença a partir do momento em que assume uma postura de enfrentamento diante das circunstâncias desfavoráveis e desafiadoras que enfrenta, cotidianamente, em sua ação pedagógica. A escola/professora tem servido de referencial para muitos alunos e alunas, que buscam uma direção, um futuro. Há que se acolher, que se amar. Por isso, se desejamos formar cidadãos, sujeitos de seu próprio conhecimento, autônomos e críticos, temos que primeiro servir de exemplo. O discurso e a prática não podem se separar. A escola é o lugar de compartilhar, de crescer e de se realizar ações mais solidárias e menos solitárias.

Quando a professora pensa sua prática criticamente hoje, ela melhora a sua próxima prática e não desvincula o ensino da formação ética dos seus alunos e alunas. Mas é necessário articular ao discurso teórico a reflexão crítica. A professora precisa ter direito, no exercício da docência, a se qualificar, a pesquisar, a estudar e ter acesso aos conhecimentos teóricos e práticos produzidos.

Uma prática alfabetizadora discursiva e dialógica é possível, embora no dia-a-dia das salas de aula ainda prevaleça um aprendizado individual e mecanicista da leitura e da escrita.

A professora qualificada, a que pesquisa, que estuda e busca mudanças é essencial. A escola pode e deve ser um espaço privilegiado de formação da professora. Para isto, é essencial, também, políticas públicas que invistam e garantam essa possibilidade.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Marlene. Alfabetização e letramento. Um diálogo entre a teoria e a prática. No prelo, 2003

ESTEBAN, Maria Tereza(Org.). Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. 4 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

FERREIRO, Emilia. Com todas as letras. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Regina Leite. (Org.). Novos olhares sobre a alfabetização. São Paulo: Cortez, 2001.

GARCIA, Regina Leite & ALVES, Nilda. Conversa sobre pesquisa. In: ESTEBAN, Maria Teresa & ZACCUR, Edwirges (orgs). Professora-pesquisadora- uma práxis em construção. Rio de Janeiro. DP & A, 2002.

MOYSES, Lúcia. O desafio de saber ensinar. São Paulo: Papyrus, 1994.

RIBEIRO, Vera & VÓVIO, Cláudia L. & MOURA, Mayra P. Letramento no Brasil: alguns resultados do indicador nacional de alfabetismo funcional. In: Educação & Sociedade: Revista de Ciência da educação/ Centro de estudos educação e sociedade. Vol. 23, n 81. São Paulo: Cortez; Campinas, CEDES, 2002.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez, 2001.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo, Martins Fontes, 1988.



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II**

ALUNO(A) : ROZANE TEIXEIRA DE OLIVEIRA

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : Em foco: práticas educativas no processo de alfabetização

ORIENTADOR : CARMEN SANCHES SAMPAIO

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

* **Primeiro avaliador :** **Professor convidado**

Professor: Lígia Martha C. C. Coelho

Nota : _____

Considerações Finais:

AVALIAÇÃO DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO DE GRADUAÇÃO

Graduanda: Rozane Teixeira de Oliveira
Orientador: Carmen Sanches Sampaio
Data: 03 de abril de 2004
Título: Em foco: Práticas educativas no processo de alfabetização

O trabalho de Rozane reveste-se de importância para os debates sobre a prática pedagógica no cotidiano da escola. A forma utilizada para discutir essas práticas – partir de entrevistas com as professoras da escola pública em que trabalha – foi interessante, pois destacou falas significativas sobre o processo de construção da leitura e da escrita. No entanto, cumpre destacar a ausência de maior aprofundamento teórico, requisito importante quando se elabora um trabalho investigativo. Quando da análise sobre as falas das professoras, a monografia tornou-se mais superficial (itens 2.2 e 2.3), sem aquele natural adentramento teórico. Nesse sentido, a proposta apresentada à página 8 fica parcialmente respondida, ou seja, se o objetivo era “teorizar sobre a prática e voltar a ela visando compreendê-la de uma forma mais complexa”, isso não aconteceu no todo do trabalho final. As Considerações Finais poderiam ter realizado esse papel - o de complexificar aquelas práticas -, mas não houve esse intuito e percebe-se que ainda havia algo a dizer que talvez o prazo de entrega da monografia não tenha permitido. Seria interessante, também, fazer uma revisão textual.

Rio de Janeiro, 03 de abril de 2004.

L. C. Coelho

* Segundo avaliador : Professor orientador

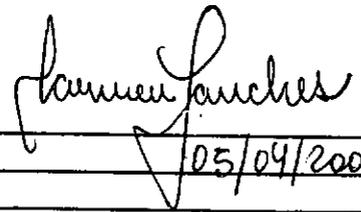
Professor : Carmen Sanches Sampaio

Nota: 7,5 (sete e meio)

Considerações Finais:

Rozane elege como tema de sua monografia a prática pedagógica realizada, cotidianamente, em duas escolas públicas. Reflete sobre sua própria ação e a de professoras com as quais trabalha. Do cotidiano da sala de aula emergem questões fundantes que, investigadas, podem possibilitar a articulação entre a prática e a teoria. Articulação necessária à construção de modos de alfabetizar comprometidos com a criação e a autoria. No entanto, as análises e discussões teóricas realizadas por Rozane estão, ainda, bastante frágeis. Este trabalho, a meu ver, garantiu a Rozane compreender o que José de Souza Martins (1993) nos alerta: *os outros estão em nós*. Logo, quando fala da professora fala de si e, portanto, de muitas de suas concepções, "verdades", dúvidas e inquietações. Garantir, na escola, espaços e tempos de discussão, estudo e reflexão sobre o processo ensino/aprendizagem é fundamental para que as professoras possam experienciar, coletivamente, um processo de formação no fazer cotidiano com os seus alunos e alunas. O processo de escritura deste texto monográfico ressaltou, para Rozane, esta função privilegiada da escola.

A nota atribuída à monografia é 7,5 (sete e meio).


05/04/2004

* Terceiro avaliador : Professor da disciplina Monografia II

Professor: Lígia Martha Coelho

Nota : 10,0 (dez)

Considerações Finais:

O trabalho encontra-se dentro das normas da ABNT, excetuando-se o resumo.

LM

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
8,5	7,5	10,00	26,0	87

Rio de Janeiro, 12/04/04

LM

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais
Escola de Educação/ Departamento de Didática

Parecer da monografia: *Em foco: práticas educativas no processo de alfabetização*

Autora: **Rozane Teixeira de Oliveira.**

Orientadora: Carmen Sanches Sampaio

Período: 2º semestre de 2003 – 05/04/2004

Rozane elege como tema de sua monografia a prática pedagógica realizada, cotidianamente, em duas escolas públicas. Reflete sobre sua própria ação e a de professoras com as quais trabalha. Do cotidiano da sala de aula emergem questões fundantes que, investigadas, podem possibilitar a articulação entre a prática e a teoria. Articulação necessária à construção de modos de alfabetizar comprometidos com a criação e a autoria. No entanto, as análises e discussões teóricas realizadas por Rozane estão, ainda, bastante frágeis. Este trabalho, a meu ver, garantiu a Rozane compreender o que José de Souza Martins (1993) nos alerta: *os outros estão em nós*. Logo, quando fala da professora fala de si e, portanto, de muitas de suas concepções, “verdades”, dúvidas e inquietações. Garantir, na escola, espaços e tempos de discussão, estudo e reflexão sobre o processo ensino/aprendizagem é fundamental para que as professoras possam experienciar, coletivamente, um processo de formação no fazer cotidiano com os seus alunos e alunas. O processo de escritura deste texto monográfico ressaltou, para Rozane, esta função privilegiada da escola.

A nota atribuída à monografia é 7,5 (sete e meio).